

## UMA ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO NA MÍDIA TELEVISIVA: AÉCIO NEVES E DILMA ROUSSEFF EM DEBATE- 2014

Ariana da Rosa Silva  
Mestrado/UFF  
Orientadora: Bethania Mariani

### Considerações iniciais

Trataremos neste texto do que vem sendo desenvolvido em nossa pesquisa de mestrado, que tem como objetivo analisar como são construídos os processos de produção dos discursos dos presidentiáveis na campanha eleitoral do ano de 2014.

Para o desenvolvimento deste trabalho de dissertação de mestrado, nos filiamos à Análise do Discurso de perspectiva francesa, a partir de estudos desenvolvidos pelo filósofo Michel Pêcheux (2014a [1969], 2014b [1975]) e seu grupo, na França, e pela professora Eni Orlandi (2011 [1984]), entre outros pesquisadores, no Brasil. A Análise do Discurso é uma disciplina que busca compreender o funcionamento da linguagem sempre relacionada às questões sociais, históricas, políticas e culturais, ou seja, suas condições de produção, levando também em conta o sujeito em sua condição histórico-ideológica.

Antes de tudo, é preciso mencionar que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, muitas questões foram se transformando, traçando um novo caminho a ser percorrido. Uma das necessidades encontradas foi a redução do corpus, que, ao início do projeto, era composto pelos pronunciamentos de três dos candidatos à Presidência em 2014: Aécio Neves, Dilma Rousseff e Marina Silva, em todos os debates do primeiro e segundo turnos da campanha eleitoral deste ano, uma vez que considerávamos importante analisar os três candidatos, que melhor se classificaram durante as eleições, ao longo de toda a campanha que elegeu o novo presidente da república.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tratamos desta questão em artigo publicado nas anais do VI SAPPIL (ROSA SILVA, 2015).

---

No entanto, percebemos que, para a construção de nosso gesto de análise, precisaríamos restringir nosso corpus. Assim, para que pudéssemos encontrar possíveis regularidades nos processos de produção de sentido nos pronunciamentos, seria necessário observar apenas o início e o fim da campanha. Deste modo, nosso corpus de análise se compõe de enunciados dos presidentiáveis: Aécio Neves do *Partido da Social Democracia Brasileira* (PSDB) e Dilma Rousseff do *Partido dos Trabalhadores* (PT), uma vez que ambos chegaram ao segundo turno da campanha. Analisaremos estes enunciados em apenas dois debates: o primeiro debate do primeiro turno da campanha transmitido pela Rede Bandeirantes no dia 21 de agosto e último debate do segundo turno, transmitido pela Rede Globo, no dia 24 de outubro, às vésperas das eleições.

Para que haja uma interpretação possível, de acordo com a Análise do Discurso, é preciso sempre relacionar a linguagem à sua exterioridade, ou seja, às suas condições de produção e de circulação. Sendo assim, devemos considerar que nosso objeto de pesquisa é o discurso político dos presidentiáveis dos debates eleitorais transmitidos pela televisão, e isso traz a possibilidade de sentidos outros. Este político de que trata a Análise do Discurso não é o partidário, o político está no fato de haver divisão nos sentidos (GUIMARÃES, 2002). E esses sentidos não significam o mesmo para todos a todo momento, ele sempre pode ser outro, dependendo de suas condições de produção.

Com o passar do tempo, as campanhas eleitorais ganharam uma nova forma de divulgação. O discurso político proferido nos palanques e comícios pelos candidatos, em suas viagens pelo país durante a campanha, agora também circula na mídia, de acordo com Makovics (2012). Com essa nova forma de circulação do discurso político numa campanha eleitoral, os debates se tornaram uma importante estratégia para a conquista de votos, uma vez que são discutidos projetos e propostas de governo, além de, neste momento, poder-se ver e ouvir os candidatos, facilitando a identificação ou não dos eleitores com determinado candidato.

Assim, os debates eleitorais transformam-se em um embate, um jogo de forças na busca do objetivo principal numa campanha eleitoral, que é convencer o eleitor a acreditar nas propostas dos candidatos e conquistar, conseqüentemente, seus votos. Desta maneira, os enunciados são formulados a partir de uma estratégia do *marketing político*, em que a argumentação está presente na construção dos pronunciamentos, numa tentativa de “controle” da discursividade em jogo. No entanto, é preciso observar

---

que, como afirma Pêcheux (2014c [1978]), “não há ritual sem falhas”, uma vez que o sujeito encontra-se, no momento da enunciação, sob ilusão de autonomia da linguagem, o que faz com que acredite estar no domínio do seu dizer, evidência trazida pelo efeito ideológico. Portanto, é possível dizer que há algo que escapa ao sujeito, e que vai aparecer através dos lapsos, falhas e equívocos.

A argumentação é definida pela Análise do Discurso a “partir do processo histórico-discursivo em que as posições dos sujeitos são constituídas”, não tocando as posições dos sujeitos, mas derivando delas (ORLANDI, 1998, p. 78). A Análise do Discurso busca “atingir a constituição dos sentidos, atravessando os efeitos da ordem do ideológico” (ibidem). Deve-se considerar que os sujeitos produzem seus argumentos sob uma “ilusão subjetiva afetada pela vontade da verdade, pelas evidências do sentido” (ibidem). E esses argumentos são fundamentais para pensarmos as “projeções imaginárias do nível da formulação, das antecipações” (ibidem), que ocorrem nos debates eleitorais.

Para Orlandi, “todo sujeito (orador) experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador” (1998, p. 76), que funciona através da imagem que faz de si e do outro. Assim, é o jogo imaginário que permite a argumentação. Para a autora, “argumentar é prever”. É, pois, esta projeção que permite ao candidato, durante o debate, regular a sua argumentação e dizer de um modo ou de outro, a partir do efeito que “pensa produzir em seu ouvinte”, uma vez que afetados pelo efeito ideológico e constituídos por um inconsciente, os sujeitos se colocam na origem do dizer. Observaremos, então, em nosso corpus, como este mecanismo de antecipação acontece nesses debates e que efeitos são produzidos a partir desse jogo imaginário que os candidatos fazem ao longo de seus pronunciamentos, trazendo em seus efeitos, a impressão de uma verdade.

### **A Análise do Discurso- uma base teórico-metodológica**

Como já mencionamos, a Análise do Discurso é a teoria à qual nos filiamos para o desenvolvimento deste trabalho. Esta é uma disciplina de entremeio, fundada na França na década de 60, no momento em que o estruturalismo tinha seu auge, pelo filósofo Michel Pêcheux, autor da primeira obra publicada sobre esta teoria, o *Análise Automática do Discurso* (2014a [1969]). Pêcheux tinha como objetivo uma mudança de

---

terreno. Pretendia deslocar-se do idealismo com que os estudos de linguagem vinham sendo realizados naquele período e propôs, então, trabalhar a linguagem a partir de uma posição materialista, retomando o materialismo histórico de Marx, a partir de releitura realizada por Althusser e levando em conta o sujeito dividido, conforme Lacan apontava em sua releitura de Freud.

A Análise do Discurso surge, portanto, num momento político da França em que esta teoria era colocada num lugar de uma disciplina contrária à tendência que era predominante nas ciências sociais – a análise de conteúdo – além de também se colocar fortemente em oposição à corrente formalista-logicista que se instaurava na época, com linguistas como Chomsky (FERREIRA, 2005). Apresentava-se, então, como uma teoria que pretendia trabalhar no entremeio, sempre levando em conta a “incompletude da linguagem”, conforme aponta Orlandi (2007), isso é o que torna possível uma interpretação, pois sempre há um vazio, uma falta, que podemos afirmar que nunca será preenchida.

Na Análise do Discurso, o objeto teórico de estudo não é a língua. A teoria apresenta seu próprio objeto: o discurso, que Pêcheux (2014a [1969]) define como efeito de sentidos entre locutores. Assim, é preciso considerar a língua na sua inscrição na história, pois como afirma Orlandi “sem história não há sentido” (1994, p. 53).

No entanto, os locutores de que fala Pêcheux, não são os indivíduos bio-psico-fisiológicos que se colocam num processo de comunicação, mas uma posição sujeito que é assumida no discurso. Assim, o sujeito é entendido na teoria como uma posição entre outras, sendo, portanto, um efeito. O sujeito é considerado, na Análise do Discurso, dividido por um inconsciente e interpelado e assujeitado pela ideologia. Desta maneira, pode-se dizer que “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.” (ORLANDI, 2010, p. 47).

É importante destacar que esta teoria não é pronta, com metodologia fechada, mas está a todo tempo “reinvestigando os fundamentos de seu campo de conhecimento: as relações entre a linguagem, a história, a sociedade e a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito” (MARIANI, 1996, p. 21). Assim, cada analista do discurso, cria seu próprio dispositivo de análise a partir do arcabouço teórico oferecido pela Análise do Discurso, contribuindo sempre para a reelaboração dos fundamentos teórico-metodológicos da disciplina.

---

## Um caminho de análise

Para nosso gesto analítico, mobilizamos um dispositivo de análise que leva em conta a perspectiva da Enunciação em estudos realizados por Benveniste (2005, 2006), na Linguística, Pêcheux (2014<sup>a</sup> [1969], 2014b [1975]), na Análise do Discurso, e Lacan ([1964] 1998, [1968-1969] 2008), na Psicanálise.

O sujeito é teorizado por Benveniste (2005, 2006) como um sujeito pleno, no controle do dizer, e esta é uma forte crítica de Pêcheux (2014b [1975]), uma vez que a Análise do Discurso concebe o sujeito em sua condição histórico-ideológica, não sendo, assim, origem do dizer por ser dividido por um inconsciente e interpelado e assujeitado pela ideologia que, ao operar, apagam o seu funcionamento, deixando este sujeito na ilusão de autonomia da linguagem, trazendo as evidências do sujeito e do sentido.

Portanto devemos considerar que é nos deslizamentos, nas falhas, nas rupturas que os efeitos de sentido se apresentam, escapando ao mundo “semanticamente estável” em termos de Pêcheux (2014a [1969]), nos permitindo compreender sentidos além das evidências, convocando também o que Lacan (1988) propõe como enunciação. Para ele, a enunciação só pode ser entendida depois de realizada, pois é, neste momento de irrupção, que o inconsciente se manifesta. É no lapso, na falha, no chiste, que o inconsciente aparece, sempre no furo, no deslizamento, sobre o qual, o sujeito não tem controle.

BALDINI e MARIANI (2013) apontam que o inconsciente, ao emergir, se manifesta através das falhas provocadas no “discurso efetivo”, sem que o sujeito tenha controle sobre ele. As falhas aparecem em lapsos e chistes, furando os sentidos. Retomando Lacan, os autores afirmam que o sujeito do inconsciente é efêmero, não sabe o que diz, é aquele que tem sua estrutura como “descontinuidade do real”. Só depois que fala é que o sujeito se dá conta do que disse, que se manifesta nas falhas e equívocos, marcas desta descontinuidade, naquilo que é inominável, que não tem palavras para descrever ou nomear, é irrepresentável para o sujeito. E é neste lapso que se pode encontrar o real do inconsciente.

Podemos observar esse processo na sequência discursiva recortada do primeiro debate do primeiro turno transmitido pela Band, onde há um equívoco do candidato Aécio Neves ao falar dos Programas Sociais em uma réplica a uma pergunta feita por um jornalista ao candidato Pastor Everaldo.

---

SD1- “Em primeiro lugar, **eu reafirmo** que os programas de transferência de renda, iniciados, inclusive, no governo do PSDB, já fazem parte da paisagem econômica e social de vastas regiões brasileiras **e serão mentidos, e serão mantidos**”.

Nesta sequência, temos um sujeito marcado pelo pronome pessoal “eu”, que, como aponta Benveniste (2005), é a marca da subjetividade na enunciação, que em sua ilusão de autonomia e controle do que diz, afirma que os programas sociais seriam *mantidos* em seu governo. No entanto, há uma falha, no momento da enunciação, trazendo novas possibilidades de sentidos. Diz, portanto, que os programas serão *mentidos*. Ou seja, este sujeito pensa estar na origem do dizer, mas em seu equívoco, que se apresenta na materialidade da língua, o Sujeito (inconsciente) se manifesta, mostrando que, de fato, não tem controle sobre o que enuncia.

A questão da enunciação vai aparecer, num primeiro momento, em *Análise Automática do Discurso* (2014a [1969]), colocada por Pêcheux a partir da noção de formações imaginárias, consideradas como condições de produção do discurso, que seriam, então, os lugares que se representam imaginariamente nos processos discursivos. Sendo assim, essa pesquisa também analisará de que maneira o eleitor é construído como interlocutor nos debates eleitorais. Qual é o lugar discursivo de onde os candidatos falam e o lugar imaginário atribuído ao eleitor e aos demais candidatos? Que imagem o candidato faz de si mesmo? Para isso selecionamos duas sequências recortadas do último debate do segundo turno transmitido pela Rede Globo. Ambas da candidata Dilma Rousseff.

SD2: O **povo não é bobo**, candidato. O **povo sabe** que está sendo manipulada essa informação porque não foi apresentada nenhuma prova. Eu irei à justiça para defender-me e ao mesmo tempo eu tenho certeza que o **povo brasileiro vai mostrar a sua indignação** no domingo **votando e derrotando** essa proposta que o **senhor representa** e que é **o retrocesso** no Brasil.

Nesta sequência, podemos observar a imagem dos eleitores como um *povo*, de forma generalizada. A candidata caracteriza esse *povo eleitor*, porque é o povo que vota, como afirma, como um povo esperto, sabido e que está indignado com as acusações dirigidas a ela, estando, portanto, ao seu lado. Ao fazer isso, a candidata convoca os

---

eleitores a se posicionarem a seu favor nas urnas. Além disso, ainda podemos observar que ao se dirigir ao candidato adversário, também o caracteriza, mas com qualificação negativa, como um “retrocesso”.

A sequência 3 pertence ao segundo bloco, em que os candidatos respondem às perguntas de eleitores presentes nos debates. Dilma, ao se dirigir a um eleitor que lhe fez a pergunta, comete uma falha, que gerou risos da plateia.

SD3: **Candidato, ah, desculpa, ô...** Você pode ser um dia candidato, né, querido? Mas, **o que eu quero te dizer...** (...). Nós vamos construir **até...** nós vamos construir **e entreg...** e contratar até o final desse ano três milhões, setecentos e cinquenta mil moradias. Nunca no Brasil aconteceu isso, agora, **por que eu acho que tenho condições de fazer?** Porque nós construímos o programa. Não é que ele seja monopólio, é que nós fizemos. **Eles** jamais fizeram, **eles** não têm experiência.

Ao longo de toda resposta houve rupturas sintáticas, tropeços, indecisões na fala. Ao chamar o eleitor de candidato, Dilma mostra que os eleitores talvez não sejam vistos, de fato, merecedores de elogios, como vimos na sequência anterior, mas vistos também como adversários políticos. Desta forma, se desestabiliza ao responder à questão e mais uma vez vemos o inconsciente se manifestando na enunciação, mostrando o sujeito dividido.

### **Últimas palavras**

Por fim, é importante destacar que ainda não temos conclusões, mas reflexões acerca das questões propostas em nosso trabalho, utilizando a teoria da Análise do Discurso para essa inspiradora tarefa de compreender sentidos e não sentidos que se colocam em funcionamento através da linguagem para os sujeitos. Uma vez que esta teoria se coloca como uma disciplina que nos permite uma desconstrução, desnaturalização dos sentidos que se apresentam como evidências. Assim, trabalhamos no confronto de sentidos, buscando sempre compreender o funcionamento da linguagem, levando em consideração a história que atravessa a língua constituindo sujeitos e produzindo sentidos.

---

## Referências

- BALDINI, L. J. S; MARIANI, B. S. C. O real é o nome que se dá ao inominável. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M. C. L; MITTMANN, S.. (Org.). *O acontecimento do discurso no Brasil*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 1, p. 103-114.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*: 5ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2005, p.284-293.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. 2ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p.81-90.
- FERREIRA, M.C.L. O quadro atual da análise do discurso no Brasil: Um breve preâmbulo. In: *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: Uma relação de nunca acabar*. INDURSKY, F. e FERREIRA, M.C.L. (Org). São Carlos, SP: Claraluz, 2005.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, [1964] 1998.
- LACAN, J. *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1968-1969] 2008.
- MAKOVICS, N. *Marketing Político na Televisão Brasileira: um estudo sobre as campanhas presidenciais de 1989 a 2002*. Paco Editorial, Jundiaí, SP: 2012.
- MARIANI, B.S.C. O lugar da Análise do Discurso. In: *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922/1989)*. Tese de doutorado, IEL/UNICAMP, Campinas, SP: 1996.
- ORLANDI, E. Discurso, Imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.
- ORLANDI, E. Discurso e Argumentação: Um Observatório do Político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n.1 (73/81), jul./dez. 1998.
- ORLANDI, E. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes. 5ª edição, 2007.
- ORLANDI, E. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: 3ª Edição, Pontes, 2008.

---

ORLANDI, E. *Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos*. 9ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

ORLANDI, E. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. [1984] 6ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). [1969] In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio* [1988][1975]. Tradução Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. [1978] In: *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio* [1988] [1975]. Tradução Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Unicamp, 2014c.

ROSA SILVA, A. Análise do discurso político nos pronunciamentos televisionados dos presidentes 2014. *Anais do VI SAPPIL*. Estudos de Linguagem, UFF, nº 1, p. 65-73, 2015.